

Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia - ITGT
Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* com vistas a Especialização na Abordagem Gestáltica
Cancela da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO

A GESTALT-TERAPIA NA RECONSTRUÇÃO DA AÇÃO ÉTICA: “INCRÍVEIS
INFRATORES” NA TENTATIVA DE RESSIGNIFICAR O ESTIGMA

Nara Cristina Leão
Dr. Rodolfo Petrelli

Goiânia
Julho de 2006

**A Gestalt-terapia na reconstrução da ação ética:
“incríveis infratores” na tentativa de ressignificar o estigma¹**

Nara Cristina Leão²

Dr. Rodolfo Petrelli³

Resumo: Atos infracionais são uma constante em nossa realidade social. É comum as pessoas, ao procurarem um culpado para essa situação, apontarem o autor do ato infracional como o total responsável. Logo, o adolescente que comete crimes recebe o estigma de infrator, e sua identidade fica limitada a esse rótulo – a dimensão humana é destruída, e ocorre a construção da destrutividade. Esse artigo foi feito com o objetivo de demonstrar como a Gestalt-terapia, com a teoria do contato e a relação dialógica, pode auxiliar o adolescente infrator a ressignificar o estigma e a contatar sua essência, de modo a atingir a ação ética. Para isso, percorre-se um caminho por algumas teorias que se mostram importantes. Discorre-se sobre a sociedade criminogênica, ou seja, pela responsabilidade da sociedade no quadro atual de delinquência. Considera-se o fenômeno da estigmatização, discorre-se sobre a fenomenologia, o ser-no-mundo, o terapeuta e a ação ética, e teorias referentes a gestalt-terapia – contato, awareness e relação dialógica. Para alcançar o objetivo do presente artigo, utilizou-se o caso de atendimento de um grupo de cinco adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, auto-denominado “os incríveis infratores”. Com o trabalho no grupo, os adolescentes puderam contatar aspectos de sua identidade até então esquecidos e atingir a *awareness* de algumas questões pessoais, iniciando o processo de ressignificação do estigma.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, infratores, estigma, ação ética.

Atos infracionais, desde simples pixações até os assassinatos mais perversos, estão cada vez mais presentes na vida de todos. É uma realidade da qual não se tem como fugir. Pode-se tentar ignorá-la, mas não o tempo todo, pois o medo de ser vítima de algum ato violento não deixa que as pessoas esqueçam esse problema social.

¹ Artigo apresentado ao Instituto de Treinamento e Pesquisa em *Gestalt-terapia* de Goiânia como requisito à conclusão do curso de Especialização *Latu-Sensu* em *Gestalt-terapia*.

² Psicóloga, especializanda do curso de Pós-graduação em *Gestalt-terapia* e em Terapia de Criança, Casal e Família pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT/UCG). E-mail: leonara@yahoo.com.br

³ Possui graduação em História e Filosofia - Universitá Pontíficia Salesiana Roma (1963), graduação em Teologia - Universitá Pontíficia Salesiana Roma (1967), graduação em Psicologia - Universitá Pontíficia Salesiana Roma (1971), mestrado em Psicologia - Universitá Pontíficia Salesiana Roma (1973) e doutorado em Psicologia - Universitá Pontíficia Salesiana Roma (1989). Atualmente é membro da Associação Goiana de Psicodiagnóstico Rorschach e professor aposentado da Pontíficia Universidade Católica de Goiás. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Papéis e Estruturas Sociais; Indivíduo, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia, psicodiagnostico rorschach, fenomenologia, personalidade e psicoterapia fenomenologia e existencialismo.

E quem é responsável por essa situação? “O delinqüente que comete esses atos” é uma resposta comum, que seria dada por várias pessoas a essa pergunta. Buscando-se um culpado para essa situação, depara-se com a pessoa infratora, e nela deposita-se toda a responsabilidade. Ao dar essa resposta, por mais insatisfatória que seja, a ansiedade que acompanha a pergunta é diminuída, e a busca pela resposta, cessada, pois se acredita que ela já foi encontrada. Mas como é o “inimigo” errado que está sendo “combatido”, o problema não é resolvido.

Essa resposta traz outras conseqüências. A estigmatização sofrida pelo autor do ato infracional é uma delas, o que limita-o como ser humano. A dimensão humana é destruída, e em seu lugar, ocorre a construção da destrutividade. Frente a essa problemática, surgiu na autora desse artigo a preocupação e a vontade de escrever sobre esse assunto e mostrar uma visão diferente da convencional.

Pretende-se demonstrar como a Gestalt-terapia, com a teoria do contato e a relação dialógica, pode auxiliar o adolescente infrator a ressignificar o estigma e a contatar sua essência, de modo a atingir a ação ética.

Sociedade Criminogênica

Segre (1996) coloca que, para algum tipo de comportamento ser considerado criminoso, deve primeiro haver uma lei que diga como é correto e errado agir, que dite uma norma, visando o estabelecimento de uma ordem. Essa ordem obriga cada indivíduo a agir de acordo com ela para preservar um tecido social da forma como ele se constitui no momento, dentro de padrões que lhe permitam a continuidade em condições de segurança. Essa segurança buscada seria contra a extinção e contra a mudança. Sendo assim, percebe-se que a lei é altamente conservadora – busca-se a restrição de condutas que possam mudar o destino da comunidade.

Entretanto, a questão não é a lei em si, pois ela está a serviço da comunidade. Logo, esse desejo de preservação, esse conservadorismo, é um desejo da própria sociedade que, através da justiça, busca formas de concretizá-lo, tentando extinguir as ameaças ao *status quo*. Por isso o que surge de diferente da ordem é tão temido, já que levaria à desagregação do tecido social.

De acordo com Trindade (1993), em 1970, em oposição à criminologia tradicional, surge a criminologia crítica, com um paradigma mais precisamente ideológico. Suas idéias remetem a uma hermenêutica sociológica para a compreensão do delito e do desvio.

A criminologia crítica defende que a sociedade “fabrica” seus próprios delinquentes e depois “cria” instituições para tomar conta deles, num movimento maniqueísta que ressalta a diferença entre os “bons” e os “maus”. “Nesse aspecto, os delinquentes desempenham uma função utilitária, na medida em que sobre eles a sociedade projeta todos seus males, ressalvando, efetivamente quem são os ‘cidadãos corretos’, que vivem dentro da lei e dos princípios dominantes na sociedade” (Trindade, 1993, p. 137).

Também é sustentado que o delito é muito mais que simplesmente uma ação individual, mais que um resultado da vontade do delincente. Dessa forma, o delito deve ser atribuído também à sociedade. É o que Petrelli (comunicação pessoal, 23 de novembro de 2005) chama de CIA – Agenciadores Inteligentes do Crime. Essa é uma visão na contramão, na qual pára de preocupar-se meramente com os efeitos, e se vai às causas, investigando e desvelando o sistema criminogênico.

De acordo com Trindade (1993), a criminologia crítica considera a ação delitiva brotando de dois elementos ativos: o indivíduo e a sociedade. Sob essa visão, o protagonista da criminalidade é integrado pelo indivíduo e pela estrutura social, numa co-responsabilidade comunitária, que aumenta numa progressão geométrica segundo diminui a idade fisiológica e psicológica do autor imediato. Isso quer dizer que, quanto mais novo for o autor, mais lhe

estigmatizam os controles, o que é, com frequência, causa de uma segunda ou ulterior desviação. Como efeito da estigmatização, potencialidades do adolescente que comete infração(ões) deixam de ser reconhecidas e desenvolvidas (o conceito “estigma” será discutido a frente).

Na criminologia crítica, o que mais importa não são os fatos, o tratamento dos infratores, e sim a reconstrução das estruturas sociais e sua reforma. Para ela, segundo Trindade (1993), a meta principal é a reestruturação da sociedade, mais que a reinserção do indivíduo na sociedade ou sua retirada do convívio social. Afirma, também, que as sanções do tipo penal resultam num mal maior. Por outro lado, quando o sujeito passivo é toda a comunidade, se torna benéfico corrigir as estruturas injustas, considerando a necessidade de evitar as estigmatizações, as incriminações e as etiquetas.

O ser estigmatizado

“Estigma” é um conceito usado por Goffman (1988). Ele o define como um “defeito” que a pessoa possui, fazendo com que ela se diferencie das demais pessoas ditas normais. Esse é um termo normalmente usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, de acordo com esse autor, é uma linguagem de relações e não de atributos. Para ele, um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, sendo assim, ele não é desonroso em si mesmo. Depende das relações que estão envolvidas na situação.

Ele faz, ainda, uma distinção entre identidade social virtual e identidade social real. A primeira se refere a uma visão que se tem de uma pessoa tendo como base uma característica específica. Já a segunda, diz respeito à visão que se forma de uma pessoa a partir de sua totalidade, ou seja, engloba todas as características que ela possui. Quando se forma uma identidade social virtual sobre alguém, deixa-se de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída.

Goffman (1988) fala também da “aceitação” que pode vir acompanhando a estigmatização. Quando o indivíduo (que recebe o estigma) convive com pessoas que não conseguem lhe dar o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua identidade mereceriam receber (e que ele mesmo acreditava que receberia), ele próprio se desacredita e faz eco a essa negativa, pois percebe que sua característica estigmatizadora a garante.

Dessa forma, diversos aspectos da totalidade do ser estigmatizado se tornam secundários, e a característica estigmatizadora toma uma grande proporção, ocupando boa parte dessa identidade. A vivência da estigmatização deteriora a identidade da pessoa, para então o estigma ser assumido como a própria identidade (R. Petrelli; comunicação pessoal, 11 de maio de 2006).

Fenomenologia: essência e intencionalidade da consciência

Dartigues (1992) coloca que os fenômenos sempre se dão a nós como dotados de uma “essência”. A essência é o invariante do fenômeno, é sua estrutura profunda que vai além das variações que se dão no tempo, nos pontos de vista ideológicos e até mesmo científicos. É a essência que nos permite identificar o fenômeno que se mostra, pois ela é sempre idêntica a si própria, não importando as circunstâncias contingentes de sua realização.

“As essências constituem como que a armadura inteligível do ser, tendo sua estrutura e suas leis próprias. Elas são (...) o sentido ‘a priori’ no qual deve entrar todo mundo real ou possível e fora do qual nada pode se produzir” (Dartigues, 1992, p. 16).

As essências dos objetos são captadas pela consciência, através dos sentidos. A consciência intencional se dirige à essência das coisas, descobrindo e penetrando em seu sentido. A consciência é sempre “consciência de alguma coisa”, e só o é estando dirigida a um objeto. O objeto é sempre “objeto-para-uma-consciência”, ou seja, só pode ser definido em

sua relação com a consciência. Sendo assim, consciência e objeto não são entidades separadas. A essa correlação dá-se o nome de intencionalidade da consciência.

Delimita-se então o campo de análise da Fenomenologia, que é o de elucidar a essência dessa correlação, na qual não aparece somente tal ou qual objeto, mas se estende o mundo inteiro. O mundo é, primeiramente, o que aparece à consciência e a ela se dá na evidência irrecusável de sua vivência. O mundo, na atitude fenomenológica, não é existência, e sim fenômeno. Ele não existe por si só, ele é apreendido por uma consciência (Dartigues, 1992).

Husserl (citado por Dartigues, 1992, p. 20) define Fenomenologia como a “ciência descritiva das essências, da consciência e de seus atos”. Petrelli (comunicação pessoal, 08 de junho de 2006) salienta que a Fenomenologia é constituída por dois momentos: a consciência intencional se dirigindo e apreendendo a essência das coisas; e a essência se mostrando juntamente com o fenômeno para uma consciência intencional.

Ser-no-mundo

Para Forghieri (2005), ser-no-mundo é o modo como experiencia-se o existir; o homem existe sempre em relação com algo ou alguém. Para ilustrar, ela usa o exemplo da desagradável e aflitiva situação de uma pessoa estar andando por uma rodovia e se perder, sem saber onde está nem para onde seguir. “Se não sabemos onde estamos não sabemos, por instantes, quem somos” (p. 73). Forghieri explica: o mundo não consiste apenas no ambiente que nos rodeia, ou no lugar onde estamos; consiste também, e principalmente no modo como o percebemos.

Forghieri (2005) acrescenta que para a pessoa crescer e se desenvolver, ela precisa viver no mundo em relação com a natureza e seus semelhantes, para então retornar a si mesma, percebendo quem é e depois se voltar para o mundo e assim, sucessivamente, vai aos poucos conhecendo ao mundo e a si mesma.

“O mundo humano é essencialmente mundo da coexistência” (Augras, 1986, p. 55). O homem é um ser social, e seu crescimento individual depende do encontro com os demais. Para a Fenomenologia existencial, o mundo da coexistência não se estrutura em termos de oposição ou de complementaridade, ou seja, um sujeito não se opõe nem é complementado pelos objetos que o cercam. Na realidade, os outros são aqueles dos quais o sujeito não se distingue, e entre os quais se encontra também.

Dessa forma, o homem se conhece e se compreende através da sua relação com os outros. Ao relacionar-se, ele se percebe ao mesmo tempo em que percebe o outro. “A compreensão de si fundamenta-se no reconhecimento da coexistência, e ao mesmo tempo constitui-se como ponto de partida para a compreensão do outro” (Augras, 1986, p. 56).

A inter-relação entre homem e mundo expressa-se como construção recíproca de sistemas de significações, de forma que cada indivíduo recebe dos demais as chaves para a compreensão do mundo, para então devolver sua própria elaboração, que, por sua vez, são incorporadas no conjunto dos sistemas anteriores a ele.

O terapeuta e a ação ética

Petrelli (1999) discorre acerca do objetivo da psicoterapia, que para ele é “o despertar de uma presença adormecida na relação ‘íntima’, por meio de uma presença consciente em ação” (p. 40). Esse objetivo distancia-se de todos os corretivos de comportamentos não desejados e socialmente incompatíveis.

O terapeuta penetra, empaticamente, em uma história de vida que ainda não se revelou à consciência do paciente, cuja existência não tem projeto nem obra. O terapeuta tem como tarefa despertá-lo e reinserí-lo no fluxo do tempo.

Minkowsky (1933, citado por Petrelli, 1999), em sua terapia do tempo vivido, fixa os constitutivos existenciais que regem a experiência do mesmo e fundamentam a vivência do tempo advir. São elas: a espera, a ação, o desejo, a esperança, a ação ética e a prece. Petrelli

(1999) acrescenta que todos nós, em algum momento, precisamos nos recuperar e nos confirmar em uma ou outra dessas dimensões do tempo. Nesse artigo será discorrido apenas sobre o constitutivo “ação ética”, devido à especificidade do mesmo.

A ação ética é motivada profundamente pela busca da verdade e da ética. Esse constitutivo é motivado por um impulso originário ligado ao significado do existir. Cada sujeito existente possui uma vocação existencial (mesmo que essa não seja ouvida pela maioria), e só consegue responder a ela quando desvela a idéia valor, a idéia força que sintetiza sua missão existencial (Petrelli, 1999).

A ação ética não se refere a normas e valores sociais, e sim a valores pessoais baseados na missão existencial da pessoa. Minkowski (1933, citado por Andrade, 2005) afirma que os fenômenos sociais e as ações éticas estão em dois planos distintos, e que as virtudes cívicas não podem ser confundidas com a busca profunda e individual da ação ética. A ética é mais que um conjunto de normas, ela está ligada ao sentido da existência humana (Andrade, 2005).

O terapeuta ajuda seu cliente no desvelamento da significação de sua existência. Minkowski (1933, citado por Andrade, 2005) coloca que para buscar a ação ética, o homem necessita esquivar-se dos interesses que constituem a materialidade da vida, para então penetrar em si mesmo até o fundo do seu ser e tomar consciência de si. Isso torna o homem vivo e traz sentido à sua vida.

Vivenciando a ação ética, o homem vê toda a grandeza do universo revelar-se diante de si e percebe sua imensidão, então se sente próximo do mundo e livre. Essa liberdade manifesta-se com o livre-arbítrio de suas decisões, não no sentido de poder realizar tudo o que lhe dá prazer, e sim o de fazer o que considera estar correto (Andrade, 2005).

O terapeuta auxilia seu cliente na busca de sua ética ao mesmo tempo em que pratica a ética própria. A ação ética do psicoterapeuta é a de auxiliar o outro no resgate de sua

autenticidade e também de ajuda-lo a se tornar livre. Isso se torna possível quando a pessoa recupera a liberdade de construir seu próprio destino e se lança ao mundo realizando valores. “Resgatar a autenticidade é uma obrigação ética” (Petrelli, 2004, citado por Andrade, 2005, p.15).

Contato e crescimento

Contato é a função que sintetiza a necessidade de união e de separação. Ele só acontece entre seres separados, os quais são sempre seres independentes que se arriscam a ser capturados na união (Polster e Polster, 2001). De acordo com Spangenberg (2004), é através da capacidade da pessoa de diferenciar-se e, ao mesmo tempo, de relacionar-se com o ambiente que a contém, que ela consegue manter sua identidade.

O contato se dá na fronteira de contato. Para Polster e Polster (2001), essa é um local de energia pulsante e permeável, é o ponto em que o indivíduo experiencia o “eu” em relação ao “não-eu”. Dessa forma, não apenas o senso do próprio eu está envolvido, mas também o senso daquilo que colide/encontra essa fronteira. Sua permeabilidade ocorre no processo de seleção das novidades: as que forem assimiláveis são selecionadas e integradas, e as não assimiláveis são rejeitadas.

Spangenberg (2004) entende a fronteira de contato como um processo, e não como um lugar (no sentido espacial do termo) ou uma entidade (no sentido estrutural). É devido a esse processo que a pessoa se desenvolve em uma perpétua inter-relação entre ela e o meio, entre o “eu” e o “não-eu”.

O mesmo autor salienta que o contato é fundamental não só para a manutenção da vida, como também para o crescimento, pois é ele que possibilita o intercâmbio de nutrientes necessários para a expansão da vida. Polster e Polster (2001) acrescentam que “o contato é o sangue vital do crescimento, o meio para mudar a si mesmo e a experiência que se tem do mundo” (p. 113). Com ele, a pessoa tem a chance de encontrar o mundo de modo nutridor.

O contato também ocorre da pessoa para com ela mesma quando ela se divide em observador e observado, e busca o contato interno a serviço do crescimento – uma possibilidade inerente em grande parte do auto-questionamento.

Para Spangenberg (2004) se torna evidente a relação entre contato, fronteira de contato e identidade, com o processo evolutivo ou de crescimento, em qualquer indivíduo. Nesse sentido, a identidade é entendida não como uma entidade com qualidades de tal (espaciais, estruturais, etc), mas como um processo em constante fluxo e crescimento, sempre em relação ao meio no qual está inserido.

Esse crescimento se dá em relação ao que não se é. A pessoa “pega” algo de seu meio (“não-eu”), o introduz, e então ele passa por um processo de digestão e assimilação – transição de pertencer a um ou outro lado da fronteira. Na digestão, o que foi introduzido é “desestruturado”, o que for assimilável vai para a assimilação, e o que não for é expulso, rejeitado. Na assimilação, o que foi previamente “desestruturado” é utilizado na construção de elementos próprios, se tornando parte da identidade (“eu”) (Perls, citado por Spangenberg, 2004).

Esse processo não é opcional, é a condição básica universal para a vida de qualquer ser. Polster e Polster (2001) nos chamam a atenção para a seguinte questão: a diminuição da capacidade de contato aprisiona o homem na solidão. Eles colocam que todas as pessoas vêm à sua volta como a redução da capacidade de contato pode sufocar a pessoa numa condição de mal-estar pessoal que envenena o espírito, em meio a um acúmulo mortal de hábitos, conselhos e costumes.

Para Ribeiro (1997), tudo na natureza é contato, sem ele tudo perde sentido, agoniza e morre. A casa do contato é o corpo, sem conhecê-lo, pouco se pode fazer para que um contato seja nutritivo e transformador. Nesse sentido, Ribeiro percebe uma dimensão de arte no contato.

Ternura, suavidade, carinho, disciplina, clareza, muitas vezes são os verdadeiros alimentos do contato. O corpo é o santuário onde habitamos, uma oração visível saudando o universo. Obra de arte, a mais fina, imagem e semelhança de Deus, o corpo é uma projeção da arte interior de cada um de nós. O corpo é a pessoa, é o retrato de mim mesmo, da minha história, por isso só pode ser falado por mim. Se o outro me toca ou eu toco o outro, devo fazê-lo com a reverência própria de quem entra num santuário à procura do sagrado (p. 14).

A vivência dessa arte tem como produto inevitável a mudança. Implicitamente, o contato é incompatível com permanecer o mesmo. A mudança não ocorre de maneira intencional, a pessoa não precisa nem mesmo tentar mudar, pois a mudança simplesmente ocorre (Polster e Polster, 2001).

O que possibilita a mudança é a *awareness* que acompanha a vivência do contato. Ao se contatar o “eu” e o “não-eu”, ao se fazer contato com o meio e também consigo mesmo, a pessoa percebe suas experiências mais claramente e a *awareness* surge.

A *awareness* é a consciência que a pessoa adquire com relação a diversos âmbitos de sua vida via experiência, não considerando aqui consciência apenas como algo racional, mas também emocional. Sendo via experiência, a *awareness* é uma consciência sentida, emocionada.

Polster e Polster (2001), colocam que a *awareness* ajuda a recuperar a unidade da função total e integrada do indivíduo, precisando ele primeiro abranger as sensações e os sentimentos que o acompanham antes de poder alterar de algum modo seu comportamento.

Os mesmos autores salientam que “a *awareness* é um meio contínuo para manter-se atualizado com o próprio eu” (p. 217). Entre suas experiências e a *awareness* das peças elementares que formam sua existência, a pessoa vai se movendo num ciclo dinâmico e continuamente auto-renovador.

Gestalt-terapia e relação dialógica

Para que se torne possível a ressignificação do estigma e, com isso, o resgate de aspectos da identidade do adolescente infrator, os quais estão ofuscados pela natureza de sua relação com o mundo, é preciso algo mais, que não apenas teorias ou técnicas. É necessário que o terapeuta entre sem reservas na relação com o adolescente, que ele esteja presente enquanto pessoa e não apenas como profissional, e que se entregue à relação inteiramente. A isso se dá o nome de atitude dialógica.

Nessa perspectiva, “o terapeuta deixa de ser o detentor da verdade sobre o cliente, aquele que está trabalhando para solucionar sua queixa, e passa a ser ativo como pessoa que é instrumento promotor de awareness (...) e de encontro na terapia” (Ferreira, 2005, p. 243). Nesse tipo de relação, não há atitude de persuasão ou autoridade, e sim a capacidade de entrar em sintonia profunda com o outro, numa atitude horizontal e não abusiva (Hycner, 1995).

Respeito e interesse pela existência da pessoa com a qual está se relacionando são princípios importantes na atitude dialógica. O cliente percebe a presença de tais princípios, talvez não racionalmente, mas em suas sensações e sentimentos há algo que lhe passa a mensagem de que ali, com aquela pessoa, naquele momento, é possível se mostrar em sua inteireza. Terapeuta e cliente vivenciam uma relação dialógica.

Com isso, terapeuta e cliente conseguem transcender os papéis prescritos socialmente e se encontram de verdade, cada um sendo o que é, e exatamente esse encontro confirma o próprio ser de cada um (Hycner, 1997).

“O princípio básico da Gestalt-terapia de orientação dialógica é que a abordagem, o processo e o ‘objetivo’ da psicoterapia são dialógicos no enfoque global” (Hycner, 1997, p. 30). Dialógico se refere ao contexto relacional total em que cada pessoa tem sua singularidade valorizada. “Relações diretas, mútuas e abertas entre as pessoas são enfatizadas, e a plenitude e presença do espírito humano são honradas e abraçadas” (Hycner, 1997, p. 29-30).

A dialógica configura-se em um modo de ser, numa posição diante da vida que consagra a singularidade. Ao vivenciar a dialógica, o valor individual emerge em relação aos outros, no contexto relacional (Hycner, 1997). A individualidade do terapeuta está subordinada a do cliente, pois busca-se desenvolver a individualidade e a restauração do diálogo, do relacionar saudável do cliente.

O dialógico acontece no “entre”, não em uma pessoa ou outra isoladamente, nem na soma das duas, e sim em seu diálogo, no “entre” que compartilham (Buber, 1965, citado por Hycner, 1997). Sendo assim, vivenciar o dialógico não depende de uma pessoa apenas, e sim das duas (ou mais) envolvidas na relação. Hycner (1995) chama a atenção para o ponto central da existência humana, que é o desejo e a capacidade que os seres humanos possuem de estabelecer relacionamentos significativos uns com os outros, respeitando a singularidade de cada um. Se as pessoas envolvidas estiverem abertas para entrar em contato verdadeiro uma(s) com a(s) outra(s), elas então experienciam o encontro genuíno, o qual é a essência da psicoterapia.

Método

Participantes

Participaram desse trabalho cinco sujeitos do sexo masculino, de 16 a 18 anos. Todos estavam em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, junto ao juizado de menores, por terem cometido atos infracionais. Quatro deles cumpriam PSC – prestação de serviço à comunidade, e um, LA – liberdade assistida.

Material

Para a realização do grupo foram utilizados uma sala na FUMDEC, carteiras, mesa, cadeiras, lápis, borracha, apontador, lápis de cor, papéis brancos A4, cartolinas, argila e máquina fotográfica.

Procedimento

O Conselho Regional de Psicologia, CRP-GO/TO, 9^a região, participou de um projeto do Conselho Federal de Psicologia, chamado Banco Social de Serviços em Psicologia, o BSS, no qual psicólogos voluntários se tornaram protagonistas sociais. Alguns dos objetivos de tal projeto foram: (1) reforçar a presença social da Psicologia por meio da ampliação de seu espaço nas políticas públicas; (2) fortalecer populações em situação de vulnerabilidade social; (3) fortalecer propostas de atendimento da população em situação de vulnerabilidade social. (Bock, 2006, publicação do CFP – Conselho Federal de Psicologia).

Todas as intervenções propostas pelo projeto foram dirigidas à população em situação de vulnerabilidade social ou a grupos que normalmente não são contemplados pelos serviços públicos de psicologia. No caso da proposta posta em prática pela autora, e discutida no presente artigo, foram adolescentes julgados autores de atos infracionais que cumprem medida socioeducativa em meio aberto – LA e PSC.

Para a realização do projeto foram feitas parcerias entre o CRP e órgãos públicos: Juizado da Infância e Juventude, Ministério Público e Fumdec – Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário. Finalizada a etapa de elaboração do projeto e realização de parcerias, psicólogos inscritos foram convidados a iniciar a parte prática. Foram feitas reuniões, quando definiu-se que o trabalho seria realizado em dupla, que, depois de formada, elaborou um projeto mais específico de atuação para o grupo com o qual trabalharia. A prática descrita e discutida nesse artigo foi realizada por duas psicólogas, Bartira Maciel e Nara Cristina Leão.

Os encontros com os adolescentes foram realizados em uma sala cedida pela Fumdec, no Setor Aeroporto, e os conselheiros do juizado se responsabilizaram pelo encaminhamento dos adolescentes. A escolha dos adolescentes foi feita de acordo com a disponibilidade de horário dos mesmos, e suas participações foram voluntárias. Os encontros ocorreram de 18 de abril a 20 de junho de 2005, em um total de nove encontros, os quais realizaram-se semanalmente.

Todo o processo foi fundamentado na Gestalt-terapia. Durante o trabalho, foram realizadas diversas atividades, com o intuito de auxiliar esses adolescentes em seu contato consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Promovendo o contato, buscou-se também atingir a *awareness* de questões de suas vidas.

Buscou-se desenvolver uma relação de abertura e compreensão entre os integrantes do grupo. As terapeutas se atentaram para a necessidade da criação de uma atmosfera amorosa,

que possibilitasse o desenvolvimento humano de cada um. A dialógica se fez presente durante o processo.

O presente artigo retoma os atendimentos dos adolescentes realizados nesse projeto, e faz uma leitura do processo. O método utilizado no estudo em questão é o fenomenológico existencial, o qual garante à ciência uma autêntica exigência ética, não manipuladora da realidade. Esse preocupa-se em colher relações constantes e significativas entre fatos, chegando à compreensão de cada um e do conjunto deles. Isso é feito registrando o fenômeno da maneira como ele se desvela à consciência não manipulada ou distorcida por interpretações subjetivas. “A Fenomenologia é, então, uma ciência declaradamente descritiva da realidade: são os fatos, nas suas constantes relações significativas, a se constituírem como possíveis e novas teorias científicas do conhecimento” (Petrelli, 2002, p. 24).

Para que se torne possível o rigor descritivo do fenômeno como ele se desvela à consciência, faz-se uso da redução. Petrelli (2002) coloca que é pela redução fenomenológica que se efetua o expurgo das dimensões concretas e mutantes dos fenômenos, chegando-se às essências invariantes. Seria o colocar entre parênteses todo julgamento e idéias pré-concebidas a respeito do objeto em questão, para que, assim, consiga-se chegar a sua essência.

Resultados

O objetivo do trabalho com o grupo foi o de auxiliar o adolescente no desenvolvimento da capacidade de entrar em contato consigo mesmo, a fim de ressignificar o estigma e contatar sua essência. Outro objetivo foi o de desenvolver uma relação de abertura e intimidade entre terapeuta e adolescentes, assim como entre eles mesmos, de modo que o encontro genuíno ocorresse, e que eles crescessem enquanto seres humanos, atingindo sua totalidade e encontrando sua ação ética.

Devido à especificidade do trabalho, inclusive ao pequeno número de encontros possíveis de serem realizados, percebeu-se a necessidade de haver um planejamento prévio do que seria realizado nas sessões. Dessa forma, em todos os encontros, foram propostas atividades para o grupo. Elas eram previamente planejadas e o material a ser utilizado, providenciado. Apesar do planejamento prévio, os adolescentes foram sendo trabalhados de acordo com o que ia surgindo nas atividades. A terapeuta assumiu a postura fenomenológica e buscou entrar na experiência dos clientes.

Esse não foi um grupo temático. Ele foi coordenado de modo que ficasse livre para que surgissem os fenômenos importantes para os adolescentes participantes. Houve a preocupação de que não houvesse a hierarquização da questão dos delitos como a de maior importância. Isso foi feito como forma de não confirmar ou fortalecer a estigmatização, na busca de auxiliar esses adolescentes na manifestação de sua totalidade.

Considera-se importante salientar que nessa apresentação dos resultados não será discutido o caso de nenhum adolescente individualmente. Será lançado um olhar sobre o processo dos adolescentes enquanto grupo.

A seguir, serão apresentados alguns trechos dos encontros com o grupo.

1ª Sessão

No primeiro encontro, compareceram 11 adolescentes encaminhados pelo juizado de menores. Inicialmente, a terapeuta os questionou a respeito de suas expectativas quanto ao grupo e à sua participação nesse. Eles responderam, um a um, que não sabiam o que estavam fazendo ali, que apenas receberam a convocação do juizado, na qual constava ser obrigatória a presença.

A terapeuta, então, esclareceu como seria o trabalho do grupo e salientou que o projeto não era obrigatório e frizou a importância de suas participações, desde que voluntárias. Todos permaneceram até o fim, mesmo demonstrando contrariedade por terem recebido, previamente, informações erradas.

Ao final, após terem sido feitas as apresentações, os adolescentes foram convidados a criar um nome para o grupo. Foram feitas as seguintes sugestões: menores infratores, PSC (prestação de serviço à comunidade), LA (liberdade assistida), os incríveis e os inocentes.

Os adolescentes, utilizando os nomes já propostos, fizeram variações, formando nomes mais elaborados. Nesse momento, eles falaram mais e riram dos nomes criados. Finalmente, o nome escolhido para o grupo foi “Os incríveis infratores”.

Na primeira sessão, já foi possível perceber o processo de estigmatização vivenciado por esses adolescentes. Dentre várias características que possuem, no momento de dar o nome ao grupo, escolheram um que se referia ao estigma comum a eles: infratores.

Nesse primeiro encontro, já existiu a preocupação, por parte da terapeuta, de criar condições que possibilitassem o acontecimento da relação dialógica. Nesse tipo de relação, nenhum dos integrantes pode estar obrigatoriamente presente na relação. Esse tipo de exigência impediria o surgimento de uma relação dialógica e comprometeria todo o processo psicoterapêutico.

2ª Sessão

Na segunda sessão, já com a presença voluntária, compareceram apenas cinco adolescentes (dos 11 do encontro anterior).

Com a proposta da terapeuta, os adolescentes fizeram um desenho em conjunto, em uma cartolina. Cada um tinha o seu momento de desenhar, até chegar a vez do próximo. Dessa forma, o desenho foi rodando por eles, até todos decidirem que já estava pronto. Desenharam uma casa em meio à natureza, com árvores, morrinhos, cogumelos, pássaros e flores. Após terem feito todo o desenho a lápis, coloriram e assinaram com “letras de pichação” (ver anexo 1.a).

Terminada a confecção do desenho, a terapeuta os questionou a respeito de como foi fazer a atividade.

C1 – “Tava tudo tão bonitinho, aí veio o outro e estragou o que eu tava fazendo (rindo). Vêi, você não sabe desenhar, não. Casinha, árvore, cerquinha...”

Todos riem. Em outro momento:

C2 – Mas teve hora que ficou melhor quando outra pessoa fez alguma coisa diferente. Eu não ia pensar em fazer isso. Acho que o desenho ficou melhor com todo mundo.

Todos relataram que gostaram do desenho final. Esse desenho se tornou o símbolo do grupo, e fez parte de todo o trabalho. Até a última sessão, o desenho esteve presente, e várias vezes os adolescentes fizeram modificações nele, complementando-o durante o processo do grupo.

Após encerrada essa etapa, foi pedido que cada um dissesse em uma palavra o que sentia ao olhar para o desenho, criação deles próprios. As respostas foram: “paz”, “lugar bom”, “tranquilidade” e “liberdade”.

Com essa atividade, foi possível abordar diferentes objetivos. Visou-se a integração das pessoas presentes, por ser ainda o segundo encontro, e a criação da identidade do grupo.

Como um dos objetivos é a superação do estigma e o resgate da totalidade do adolescente, considera-se importante que o grupo possua uma identidade e que cada integrante a reconheça e se reconheça como fazendo parte dela. Ao se adotar coisas concretas (nome e desenho) como representações do grupo, por isso facilmente visíveis e percebíveis, se torna mais fácil para o adolescente ter consciência dessa identidade, a qual não está separada de sua própria, já que não há o homem sem o mundo, nem o mundo sem o homem, é o ser-no-mundo. Nessa visão, cada um dos adolescentes não se distingue inteiramente dos outros, e também se encontra neles (Augras, 1986). Encontrar a identidade do grupo é também encontrar a sua própria.

Foi investigada a relação de cada um com os outros naquele momento. Surgiram questões como falta de controle sobre o resultado e interferência dos colegas. Relacionado a esses sentimentos, não surgiu em nenhum um incômodo forte, até mesmo se divertiram com o momento de troca. Isso demonstrou uma flexibilidade de suas fronteiras de contato, a qual tornou possível o contato de cada adolescente com os outros.

Buscou-se colocar os adolescentes em contato uns com os outros para que pudessem integrar ao seu ser as novidades desse novo meio, dessas novas pessoas, que fossem possíveis e rejeitar as que fossem não assimiláveis, o que propicia crescimento pessoal.

Com a investigação, após o desenho, buscou-se auxiliá-los no contato com seus sentimentos e sensações. Através de questionamentos, cada um pôde voltar-se para si, em um desdobramento em observador e observado, buscando o contato consigo mesmo, para poder encontrar respostas ao que foi perguntado.

3ª sessão

No terceiro encontro, foi realizada uma técnica de dinâmica de grupo chamada “Possibilidades”. Ela foi feita em três etapas, sendo que só era passado para a próxima, após terem terminado a anterior: (1) pediu-se aos participantes que escrevessem frases que

começassem com “Eu preciso...”; (2) pediu-se, então, que examinassem suas frases e acrescentassem “...caso contrário...”, completando-as; (3) pediu-se que escrevessem substituições às suas frases, começando com “Eu prefiro...”.

As frases foram as seguintes:

1. Quadro com frases referentes à técnica de dinâmica de grupo “Possibilidades”.

“Eu preciso...”	“Caso contrário...”	“Eu prefiro...”
-Dinheiro	-Vou tentar ganhar de uma forma que as vezes pode não ser correta; -Vou me desviar e acabar fazendo besteira para consegui-lo; -Pra não ter que aprontar mais; -Ficarei com fome; -Vou ficar quebrado;	-Trabalhar e ganhar meu dinheiro honestamente do que ter que roubar;
-Emprego	-Não vou sobreviver;	-Um emprego do que ficar desempregado;
-Uma namorada	-Ficarei carente;	-Uma namorada do que ficar sem beijar na boca;
-Moto ou carro	-Ficarei a pé;	
-Saúde	-Vou morrer; -Ficarei doente;	
-Amizades	-Vou ser um cara só;	
-Amor	-Vou ficar chupando dedo; -Vou fracassar;	
-Vergonha na cara	-Pra me arrepender do que já fiz;	-Não ter vergonha para me esquecer mais rápido do que já aprontei;
-Largar de ser vagabundo -Disposição para trabalhar	-Vou ser mandado embora; -Vou ser preso;	-Levar uma vida honesta e poder andar de cabeça erguida na rua;
-Parar de beber cerveja		-Do que morrer como cachaceiro;
-Desafios	-Tédio	-Vitória
-Sonhar	-Frustração	-Concretizar
-Treinar	-Derrota	-Vencer
-Ser mais amigo -Ser mais humilde -Ser mais legal	-Não vou ter amigos;	-Ter confiança -Ter muitas amizades
-De pessoas que me entendam		-Ter amor

Depois de todos terem terminado, cada um leu suas frases para o grupo e complementou da forma como achou melhor. Todos escutaram atentamente.

Com a leitura das frases escritas pelos adolescentes, é possível perceber em várias delas um anseio em obter as coisas materiais de forma honesta. Está presente a necessidade de

tê-las, e a preferência, por parte deles, de conseguir obtê-las honestamente. Eles falam da necessidade de trabalhar e de “largar de ser vagabundo”, para “levar uma vida honesta e poder andar de cabeça erguida”. Caso não consigam dinheiro, terão que “desviar e acabar fazendo besteira”, vão “aprontar” e “tentar ganhar de forma que as vezes pode não ser correta”. Os adolescentes usam essas expressões referindo-se a ação delitiva.

Na criminologia crítica (Trindade, 1993), esse tipo de ação brota tanto do indivíduo como da sociedade. Os adolescentes do grupo demonstram a vontade de não delinquir, mas deixam claro que talvez seja necessário caso não consigam de outra forma. Eles estão em processo de desenvolvimento, são adolescentes, e já carregam o rótulo de “infratores”. Carregar esse estigma pode implicar novos delitos.

Aparece também a necessidade de viver sentimentos e de ter relações afetivas. Querem ter “amor”, caso contrário irão “fracassar”, precisam de amizade para não ficar só, precisam ser mais amigos, humildes e legais, já que preferem ter confiança e muitas amizades. E precisam também de pessoas que os entendam, pois preferem ter amor.

Esse desejo e a capacidade que os seres humanos possuem de estabelecer relacionamentos significativos uns com os outros é o ponto central da existência humana (Hycner, 1995). E foi nesse sentido que todo o trabalho com esses adolescentes aconteceu. Eles, assim como todo ser humano, necessitam encontrar outras pessoas. A terapeuta procurou estar aberta e disponível para eles, buscou respeitar cada um da maneira como ele se apresentava. E foi com essa atitude dialógica que o mesmo pôde ocorrer entre os colegas de grupo. Cada um escutava a frase do colega e seus comentários muito respeitosamente. Estava-se criando um terreno propício para o desenvolvimento de relações significativas.

6ª sessão

Nesse encontro, a terapeuta sugeriu aos adolescentes que cada um fizesse sua linha da vida. Cada um recebeu uma folha e desenhou nela uma linha. A ponta esquerda seria o dia do

nascimento da pessoa, e a direita, o dia da atividade. Cada um dos adolescentes assinalou nela todos os acontecimentos, positivos e negativos, que foram marcantes em suas vidas.

Em seguida, cada pessoa apresentou ao grupo a sua linha. Os adolescentes escutaram atentamente cada colega que apresentava para eles os principais acontecimentos de sua vida. Pela primeira vez, eles falaram sobre seus delitos e suas passagens pela polícia, questões que, até esse momento, eram discutidas de uma maneira muito superficial, apenas com comentários breves e brincadeiras.

O adolescente C4, inicialmente, não queria apresentar sua “linha da vida” para o grupo, dizendo estar muito envergonhado – “todo mundo aqui só foi preso uma vez na vida, eu só sou preso desde os quatorze anos”. O grupo o encorajou a falar, dizendo que não havia problema algum e que queriam ouvir o que ele tinha a dizer sobre sua vida. O adolescente permaneceu um tempo sorrindo sem graça e em silêncio. Os colegas continuaram a encorajá-lo. Então C4 resolveu apresentar sua linha da vida (ver anexo 1.b).

Um colega de grupo comentou: “nossa, cara, só coisa ruim”. A terapeuta, então, entrevistou, o questionando como se sentia com o fato de ter tantos acontecimentos difíceis em sua linha da vida. C4 respondeu com a cabeça baixa, “é assim mesmo”. Um dos colegas diz: “claro que deve ter alguma coisa boa, lembra de alguma e coloca aí”. Outro colega diz: “você não tem dois filhos? Isso é uma coisa boa, por que você não colocou isso aí?”. C4 então sorriu e acrescentou o nascimento de seus dois filhos em sua “linha da vida”. Ele encerrou sua fala dizendo, “não quero mais ser preso, tenho dois filhos pra criar”.

Com essa atividade, teve-se o intuito de que os adolescentes pensassem em sua vida de uma maneira geral, que entrassem em contato com diferentes experiências marcantes que já viveram. Com isso, buscou-se proporcionar-lhes a oportunidade de contatar aspectos de sua

totalidade que talvez estivessem esquecidos ou deixados em segundo plano devido à estigmatização sofrida.

A terapeuta fez intervenções quando percebia algum fenômeno que deveria ser melhor investigado, e buscou entrar na experiência dos adolescentes. Esse foi o encontro no qual eles se colocaram de forma mais aberta no grupo, e que conseguiram mostrar os sentimentos de uma forma muito sincera, conseguindo até mesmo escutar o que os outros tinham para dizer a seu respeito.

Esse foi um grupo bastante brincalhão, que fazia, inclusive, gozações uns com os outros. Mas quando sentimentos apareciam, eram respeitados, e não houve julgamentos. Nessa atividade, especialmente, todos puderam se colocar sem serem julgados. Relações dialógicas se desenvolveram entre todos os participantes do grupo.

O adolescente C4 demonstrou, nessa sessão, sua estigmatização. Com o pedido de que fizesse sua linha da vida, apenas colocou nela acontecimentos relacionados à sua vida delitiva, ignorando os demais. O grupo o ajudou a se lembrar de acontecimentos positivos, e o auxiliou no processo de ressignificação do estigma. Ao entrar em contato com o grande número de detenções já sofridas em sua vida e com o nascimento de seus filhos, C4 expressou uma percepção aparentemente nova, já que foi a primeira vez que ele a verbalizou para o grupo – a sua vontade de não ser mais preso e de poder criar seus dois filhos.

7ª sessão

Nessa sessão, foi pedido aos adolescentes que fizessem a “Linha da vida do futuro”. Cada um recebeu uma cartolina, e nela fez uma linha. A ponta esquerda era o dia da atividade, e a direita, dez anos depois. Nessa linha, eles deveriam colocar os acontecimentos que visualizam para sua vida nos próximos dez anos.

Todos eles colocaram em suas linhas projetos para o futuro que envolviam realizações tanto profissionais quanto relacionadas à vida pessoal. Fizeram planos de desenvolverem carreira em ramos específicos, assim como de formarem uma família junto a uma pessoa especial e ter filhos (um deles diz já ter encontrado essa pessoa).

Dois têm um projeto planejado de forma muito específica. C2 está fazendo um curso para poder trabalhar em uma óptica, onde diz já ter emprego garantido. Em seus planos há uma previsão de quanto tempo ele vai levar para subir de função e melhorar o salário. Outro, C3, planeja entrar para o exército através de concurso (“não quero entrar como soldado”) e já está fazendo cursinho específico para essa prova. Ele possui conhecimento das provas existentes dentro do exército para poder ser promovido a uma patente superior.

Com relação à vida particular, eles disseram que querem formar família, e falaram também de como serão suas relações com seus filhos. Ao falar sobre isso, entraram na questão de suas relações com seus pais. De acordo com o adolescente C5, seu pai é muito dominador, o que o faz se sentir sufocado. Para exemplificar, ele conta alguns acontecimentos, como o pai marcar horário para ele voltar para casa e ir buscá-lo nos lugares, o que o envergonha perante seus amigos. Ele utiliza esses exemplos para justificar sua vontade de ser totalmente liberal com seus filhos – “filho meu vai poder fazer o que quiser, na hora que quiser. Vou falar ‘toma, filho, o dinheiro, pode ir’.”.

O adolescente C2 possuía uma experiência bastante diferente. Ele colocou para o grupo que seu pai não faz questão de saber nada de sua vida – “meu pai é totalmente ausente”. A terapeuta o questionou sobre como se sente tendo um pai ausente.

C2 – “Me sinto muito mal, é muito triste ver que o pai não está ‘nem aí’, eu queria que ele se interessasse por mim”.

C5 – “Você que tem sorte, pode fazer o que quiser. Queria ver se você tivesse um pai igual o meu, o dia inteiro te vigiando”.

Depois de algum tempo de argumentações:

T – Parece que vocês dois têm uma experiência muito diferente uma da outra, que geram sentimentos diferentes. Como é ouvir uma experiência tão diferente?

C2 – Eu acho que nenhuma das duas é boa, acho que existe um meio termo pro pai ser. Pai tem que se interessar pelo filho, eu vou me interessar pelo meu, mas também não precisa ficar pegando no pé.

C5 – É verdade. Deve existir um meio termo. Vou ver como que vou ser com meu filho.

O objetivo da terapeuta com essa atividade foi o de auxiliar os adolescentes no contato com suas expectativas e projetos para o futuro, além de checar, junto a eles, qual caminho deve ser percorrido para atingir os objetivos.

Ao vivenciar a relação com o outro, o adolescente C5 pôde entrar em contato com a possibilidade de um pai não castrador e não ausente, o qual foi chamado pelos adolescentes de “meio termo”. C5 possuía um conceito da paternidade. Com sua relação com C2, C5 pôde se conhecer e se compreender melhor. Ao mesmo tempo em que ele foi conhecendo o conceito de paternidade de seu colega, ele foi também reformulando o seu próprio. Houve uma construção recíproca de sistemas de significações, ou seja, cada um dos adolescentes foi recebendo dos demais as chaves para a compreensão do mundo, para então devolver sua própria elaboração, que, por sua vez, foram sendo incorporadas ao conjunto dos sistemas anteriores a ele (Augras, 1986).

Em nenhuma das linhas constava previsões de passagens pela polícia, nem de atos infracionais. Cada um deles tinha planos de uma carreira profissional e de constituir família. Isso indica que os adolescentes não estão impedidos de planejar o futuro, de ter sonhos e expectativas, pelo fato de carregarem o estigma de infrator. Isso só é possível porque o estigma não deteriorou ainda as identidades desses adolescentes.

9ª sessão

Essa foi a sessão de conclusão do projeto. Foi pedido aos adolescentes que eles parassem por um minuto e pensassem a respeito de todo o trabalho do grupo, e que deixassem, então, surgir alguma imagem representando suas experiências nesse. Cada adolescente recebeu um pedaço de argila, e a moldou de acordo com sua imagem.

Seguem abaixo algumas falas:

C2 – “Fiz a borboleta por ser o símbolo da mudança. O casulo representa como eu era quando eu entrei aqui, e a borboleta, com suas asas já formadas, como eu estou saindo daqui. Aqui eu parei para pensar em coisas que eu nunca tinha me dado conta, aprendi muito e pude compartilhar muita coisa. Estou saindo daqui uma pessoa diferente, uma pessoa melhor”(ver anexo 2).

C3 - “Usei essa tábua, como antigamente usavam para escrever os ensinamentos. Porque hoje eu saio daqui levando isso que eu escrevi, que é inteligência, ensinamento, amizade e sabedoria. Isso tudo eu pude conquistar aqui com vocês. Eu gostei muito, vou levar tudo o que eu escrevi na tábua. Em outros grupos eu não freqüentava, ia uma vez e nunca mais voltava, eu não gostava, neste eu não faltei nenhum dia” (ver anexo 3).

C5 - “Mudou meu modo de agir em casa com meus pais. Vou levar para frente na minha vida o que eu aprendi aqui”.

Após a conclusão deste momento, foi realizada uma confraternização como encerramento do grupo (ver anexo 4).

Nessa sessão, cada adolescente fez uma obra representando sua vivência no grupo. Podemos fazer uma analogia de suas obras, buscando o significado da terapia para cada um.

O adolescente C2 utiliza-se da imagem da borboleta para ilustrar o seu desenvolvimento. Remete-se ao casulo para referir-se a si mesmo no início do projeto. O casulo é uma fronteira temporalmente intransponível, que no momento certo, com o devido

amadurecimento, se rompe, permitindo que de lá saia a borboleta. C2 remeteu-se à borboleta para ilustrar como se sente nesse momento de conclusão do projeto, “a borboleta com suas asas já formadas” representa como está agora. Pode-se entender isso como uma evolução, um crescimento pessoal percebido pelo próprio adolescente.

Ele atribuiu essa evolução à sua reflexão possibilitada pelo grupo, ao conseqüente aprendizado e ao compartilhar com os outros. Sua relação com os outros do grupo foi enriquecedora para esse jovem. Ele fez contato com outras pessoas e pôde se nutrir das relações que se formaram.

C2 se deu conta de coisas que até então desconhecia, segundo ele, “parou para pensar”. Esse foi o contato que ele fez consigo mesmo, ele se desdobrou no papel de observador e pôde conhecer aspectos seus que estavam esquecidos ou deixados de lado.

O adolescente C3, com tudo que viveu no grupo, elaborou seus próprios paradigmas. Vivenciando a relação dialógica, o contato e a *awareness*, ele levou valores que o orientam e orientarão em sua vida. Pode-se considerar que esse adolescente está caminhando rumo à sua ética, pois está aprofundando no sentido de sua existência humana. Elaborar conceitos e paradigmas próprios é indício de desvelamento da significação de sua existência. E isso só é possível através da penetração em si mesmo até o fundo de seu ser (Minkowski, 1933, citado por Andrade, 2005).

Esse adolescente também faz uma diferenciação com relação à assiduidade entre outros grupos dos quais fez parte e esse. Colocou que nesse não faltou nenhuma vez, e nos outros só ia uma única vez e não voltava. Acredita-se que o que possibilitou seu retorno semanal ao grupo foi a relação dialógica desenvolvida por todos. Nesse grupo, todos encontraram espaço para se colocar da forma como realmente são, sem serem julgados ou “corrigidos”. Isso gera um sentimento restaurador, o de ser respeitado.

O adolescente C5 fala de uma mudança de atitude. Ao falar sobre sua relação com seu pai e ouvir os colegas sobre essa questão, pôde fazer contato com aspectos novos, até então ignorados por ele. Coube a ele então assimilá-los e ter um comportamento para com esse novo. O contato possibilitou a *awareness*, que, por sua vez, possibilitou uma mudança de comportamento.

O adolescente C4 participou assiduamente até o sétimo encontro. Na semana anterior ao último encontro, a terapeuta tentou entrar em contato com ele para convidá-lo para o encerramento, mas não conseguiu. O sumiço de C4 deixou uma sensação de “falta” no grupo. Tentou-se contato mais algumas vezes, mas foi em vão. Pensou-se bastante sobre o que poderia ter acontecido a ele, já que sempre se mostrou ansioso e interessado nos encontros do grupo.

C4 foi o adolescente do grupo em questão que cometeu as infrações mais graves, como assalto à mão armada. Já havia comentado algumas vezes nos encontros que temia sumir, se referindo à possibilidade dos policiais o matarem. De alguma forma ele sumiu, sumiu do grupo, o qual lhe proporcionava condições para a reconstrução de sua identidade. O seu processo de ressignificação do estigma estava em andamento, e foi abruptamente interrompido. O que teria lhe acontecido? A esperança de uma reconstrução de sua identidade foi cortada, de alguma forma isso lhe foi tirado, como exatamente não se sabe. O que se sabe é que C4 é um adolescente infrator, escolhido para representar o “mal” da sociedade. Talvez ele não tenha conseguido se livrar dessa missão, ou não o tenham permitido.

Discussão

Chama a atenção o nome escolhido pelos adolescentes para representar o grupo, “os incríveis infratores”. Qual sentido poderia ter a escolha desse nome, formado pela

característica estigmatizadora, “infratores”, acompanhado por um adjetivo que a enaltece, os descrevendo como seres extraordinários? Eles não são adolescentes comuns, nem meros infratores, eles são “incríveis infratores”.

A palavra “incrível” pode se referir a aspectos de supremacia e dar ao substantivo característica de superioridade. Pode também ser um elogio a algo ou alguém, usado para ressaltar uma faceta admiravelmente importante. “Incrível” também diz respeito à extrapolação, ao que vai além, que não se contenta com normas, regras ou com a lógica.

Pode-se discutir o significado dessa escolha. Esses adolescentes estão não apenas em um processo de ir contra a cultura dominante, mas também em um processo crítico de se identificar com a sub-cultura transgressora. Eles estão vivenciando um ponto do processo psíquico de identidade, no qual está havendo uma identificação com a sub-cultura criminosa. Esse é o ponto de nascimento da criminalidade (R. Petrelli; comunicação pessoal, 11 de maio de 2006).

Se não lhes foi dada a chance de se mostrarem como são, de serem aceitos e confirmados em suas singularidades, eles deram um jeito de se mostrarem incríveis de alguma forma, que seja como infratores. Ao escolherem esse nome, eles passam a mensagem: “vocês não acreditaram em nós, não nos deram crédito, então encontramos credibilidade de outra forma, sendo ‘incríveis infratores’”. Ao serem excluídos de um sistema, eles procuram um novo sistema no qual possam se incluir. Assim, eles podem mostrar quão incríveis são, e o quanto há de especial em sua existência.

Esse movimento constitui uma busca desesperada por credibilidade, aceitação e inclusão. Forma-se, então, uma identidade baseada na malevolência. A energia desses adolescentes está direcionada para a destrutividade, ao que May (1988) dá o nome de demoníaco diabólico.

Esses adolescentes, em suas relações com os outros e com o mundo, se desenvolvem e se constroem da forma como podem, buscando um jeito de sobreviver e de proteger sua autoestima. Em alguma coisa eles têm que ser incríveis, se não é possível estando de acordo com os padrões da cultura dominante, se não lhes são dadas as condições para tal, que seja então infringindo as leis. Talvez essa seja a única forma que encontraram de se manter no mundo, pode ser assim que eles conseguem algum amor próprio.

Forghieri (2005) explica que em sua construção enquanto ser-no-mundo, a pessoa vai até a natureza e seus semelhantes, volta para si, percebendo quem é, então volta para o mundo, e assim sucessivamente. Dessa forma, ela conhece o mundo e também a si mesma, obtendo condições para se desenvolver e se construir. Enquanto ser social, o desenvolvimento desses adolescentes depende da convivência com os demais. Os demais, a sociedade, na visão da criminologia crítica, “fabrica” seus delinquentes, ela escolhe algumas pessoas, para nelas projetar todos os males (Trindade, 1993). Os adolescentes, sujeitos desse trabalho, são adolescentes rotulados como infratores, são alguns dos “escolhidos”, e esse estigma tem um grande peso na formação de suas identidades.

Essa é a construção de uma história de vida que também destrói. Esses adolescentes passaram/passam por uma construção da destrutividade do humano. Uma desconstrução dessa destrutividade se torna necessária, para que se torne possível a construção do demoníaco simbólico, ou seja, direcionar a energia desses adolescentes para a ética e desenvolver o respeito aos valores (May, 1988).

Essa é a pretensão ao se promover o encontro dos adolescentes infratores com a Gestalt-terapia. Pretende-se desconstruir esse funcionamento voltado para o “diabólico”, para então promover a construção de uma ação ética. Nessa nova construção ocorre a resignificação do estigma. Toda a história de vida é revista e resignificada, tornando possível a construção de uma nova forma de funcionamento, voltada para a ética, e que nela

eles possam atingir sua totalidade, enquanto ser-no-mundo, e “ser”, exatamente o que “é”, e isso ser suficiente para torná-los “incríveis”.

O que torna uma pessoa ainda mais incrível é a superação do estigma. Uma pessoa que constrói uma identidade baseada na malevolência e recebe o estigma que representa um decreto de um futuro marginal, e ainda assim consegue ressignificar sua vida de forma que ocorra uma ruptura de um destino que o condenava ao crime, pode ser considerada incrível. A ressignificação de um estigma, que leva a superação desse, pode ser tido como algo extraordinário. Há alguns exemplos que provam a existência de casos assim, como “Pavilhão 9”, grupo de rap que se formou dentro do presídio, homens que se identificaram com a música e se uniram na luta pela superação do estigma, se mostrando incríveis. Atividades como música, dança e esportes têm se mostrado aliadas na “desconstrução” de identidades malevolentes.

A questão social é uma preocupação de todos, logo é também da psicologia. Para esses adolescentes, existe um passado determinando seu presente e futuro. A Gestalt-terapia, enquanto abordagem existencial-fenomenológica, pode ajudar as pessoas que vivem essa situação. É papel de cada psicólogo deixar que a intencionalidade de sua consciência apreenda o drama social da atualidade, para que possam entrar em contato com essa realidade, se deixarem ser tocados, e partirem para a ação através de seu trabalho e de sua humanidade, auxiliando na construção da ação ética.

Trabalhar com adolescentes infratores é bastante complexo, pois mexe-se com as bases da estrutura desses, a qual é resultado de anos de construção. Por isso, esse tipo de trabalho não pode se resumir a técnicas e aplicações. Para seu desenvolvimento, é importante que flua entre eles (adolescentes e terapeuta) uma relação que seja de profunda sintonia, numa atitude horizontal e não abusiva. Nesse sentido, a relação dialógica dá o suporte necessário à desconstrução discutida.

O trabalho com os adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativas, o qual foi objeto de estudo do presente artigo, visou a vivência da relação dialógica em todo o seu desenvolvimento. A terapeuta se entregou à relação inteiramente e buscou estar presente enquanto pessoa, o que foi percebido pelos adolescentes. Inicialmente, eles se colocavam pouco, fazendo uso de brincadeiras e guardando seus sentimentos e suas histórias de vida. Com o passar das sessões, eles foram se sentindo cada vez mais à vontade, tanto com a terapeuta quanto com os colegas de grupo, e puderam se mostrar mais e conhecer mais uns aos outros. Com essa maior abertura, a história de vida pôde ser revista e ressignificada, com a ajuda de todo o grupo.

Como coloca Augras (1986), o homem se conhece e se compreende através da sua relação com os outros, ele se percebe ao mesmo tempo em que percebe o outro. Os adolescentes infratores convivem com a situação de serem estigmatizados, em suas relações com os outros é familiar para eles perceber a impressão que as pessoas têm deles, impressões essas que são incorporadas aos seus sistemas de significações e em sua auto-imagem. A escolha do nome do grupo contendo a palavra “infratores” demonstra a aceitação do estigma e sua assumência como identidade.

Fazendo parte do grupo, os adolescentes vivenciaram uma relação diferenciada. A relação dialógica se fez presente e possibilitou o encontro de cada adolescente com os demais integrantes do grupo. Segundo Augras (1986), o crescimento individual depende desse encontro.

Polster e Polster (2001) colocam que o encontro com o mundo externo pode ser nutridor. Os adolescentes, ao fazerem contato, puderam tomar consciência de alguns aspectos novos para eles, e assim assimilá-los e ter um comportamento para com esse novo. O adolescente C5 confirma isso com sua fala na última sessão, “mudou meu jeito de agir em casa com meus pais”.

O contato clareia as experiências. Os adolescentes entraram mais profundamente em si mesmos e na relação com os outros. Tornaram-se mais “humanos”, pois encontraram um lugar onde puderam se mostrar inteiramente como são, em sua inteireza, e também conhecer outros seres totais. Isso os ajudou na integração de seu ser, partes até então não vistas por muitas pessoas e desconsideradas até por eles mesmos, ressurgiram e forma reintegradas ao todo.

Com o contato, a *awareness* pôde acontecer. Os adolescentes se deram conta de coisas que até então lhes eram desconhecidas. Com isso, houve uma atualização do “eu” por parte deles. Atingindo-se a *awareness*, a mudança ocorre de forma natural, sem intenção ou esforço especial. Depois de estar *aware* de algo, a pessoa não é mais a mesma, logicamente suas atitudes também não.

Nesse sentido, a teoria do contato, presente na Gestalt-terapia, e a terapia do tempo vivido, de Minkowsky, se encontram. Com o contato, a pessoa se aprofunda em seu ser e toma consciência de si. Com isso, ela contata sua identidade profunda, sua essência, seu existir pessoal e social. Logo, o significado de sua existência desvela-se e traz sentido a sua vida. Para Minkowsky, esse é o encontro com a ação ética. Com o contato a pessoa possui uma consciência maior, ela se eleva e entende a razão de tudo. Torna-se capaz de responder ao chamado de sua existência. Assim, entra em contato construtivo com o mundo e forma vínculos amorosos.

A Gestalt-terapia não tem como objetivo a mudança de comportamento, e sim que o terapeuta ajude seu cliente a atingir a *awareness*. Portanto, não esperou-se que esses adolescentes deixassem de delinquir. Não houve a intenção, com a realização desse trabalho, de que seus comportamentos mudassem e eles passassem a viver dentro da cultura dominante. O que se pretendeu foi auxiliá-los na busca por sua ação ética, na ressignificação do estigma e

na integração de sua totalidade, promovendo o contato e a *awareness*. As mudanças que advirem com isso, serão naturais e espontâneas.

Referências Bibliográficas

- Andrade, C. C. (2005). A atitude ética no mundo contemporâneo. *Revista do XI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, 11 (1), 11-21.
- Augras (1986). *O ser da compreensão*. Petrópolis: Vozes.
- Dartigues, A. (1992). *O que é a fenomenologia?* São Paulo: Moraes.
- Ferreira, L. C. (2005). A Gestalt-terapia como espaço de prestação de serviço e de relação humana. *Revista do XI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, 11, 241-247.
- Forghieri, Y. C. (2005). Enfoque fenomenológico da personalidade. *Revista do XI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*, 11, 69-77.
- Goffman, E. (1988). *Estigma*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Hycner, R. (1995). *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus.
- Hycner, R. (1997). A base dialógica. Em R. Hycner, & L. Jacobs (Orgs.), *Relação e cura em Gestalt-terapia* (pp. 29-49). São Paulo: Summus.

- May, R. (1988). *Eros e repressão: amor e vontade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Petrelli, R. (1999). *Para uma psicoterapia em perspectiva fenomenico-existencial*. Goiânia: UCG.
- Petrelli, R. (2002). *Fenomenologia: teoria, método e prática*. Goiânia: UCG.
- Polster, E. & Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (1997). *O ciclo do contato*. São Paulo: Summus.
- Segre, M. (1996). Introdução à criminologia. Em C. Cohen, F. C. Ferraz & M. Segre (orgs.), *Saúde Mental, Crime e Justiça* (pp. 25-32). São Paulo: Edusp.
- Spangenberg, A. (2004). *Terapia Gestáltica e a inversão da queda*. Campinas: Livro Pleno.
- Trindade, J. (1993). *Delinqüência juvenil*. Porto Alegre: Livraria do advogado.